



RELIGIÃO E MÍDIAS SOCIAIS: DES(RE)TERRITORIALIZAÇÕES NO CIBERESPAÇO

■ PAULO AFONSO DIAS DE LIMA *

Resumo: O presente artigo versa sobre a relação entre religião, ciberespaço e território, uma discussão introdutória que não se encerra neste texto. A metodologia foi pautada principalmente na revisão bibliográfica – matrizes teóricas acerca da dimensão política da religião, assim como sua relação com os processos em curso na pós-modernidade e território – e parte de uma etnografia virtual, visando relacionar a teoria com alguns exemplos. A partir da realização deste trabalho compreendemos como as religiões com suporte das novas tecnologias estão se inserindo neste novo contexto social e agindo através de um caráter político-territorial no ciberespaço. Esse trabalho mostra também a proximidade entre espaço virtual e real, trazendo possibilidade de novas significações para o espaço na contemporaneidade e para o avanço desses estudos na ciência geográfica.

Palavras-chaves: Religião, ciberespaço, hipermodernidade, des(re)territorializações.

Introdução

Este trabalho procura estabelecer um breve debate sobre a relação entre religião, mídias sociais e des(re)territorializações. A discussão não tem o objetivo de encerrar-se aqui, sendo um desdobramento da trajetória de pesquisa do autor que envolvem os temas de religião e território.

A sociedade pós-moderna apresenta diversos novos processos que representam as transformações sociais em um ritmo cada vez mais intenso. Modernidade líquida, sociedade de consumo (BAUMAN, 2007; 2008), hipermodernidade (LIPOVETSKY e SERROY, 2011). Acentuam-se cada vez mais processos em que as posições sociais são fluidas e que a sociedade se individualiza cada vez mais.

As religiões cristãs, interesse particular desta pesquisa, inserem-se nessas novas dinâmicas a fim de frear suas perdas de fiéis e continuar a sua difusão. As novas dinâmicas

sociais e culturais possibilitam à religião o acesso a diferentes mídias que venham possibilitar diferentes maneiras de acesso ao sagrado¹. A partir das relações entre religião, ciberespaço e o sagrado, são construídas novas experiências e vivências (OLIVEIRA, 2017). Surgem então desse processo disputas políticas e econômicas bem como manutenção de seus territórios e fiéis.

Além do exposto acima procura-se ressaltar e explorar a dimensão política da religião (ROSENDAHL, 2003; OLIVEIRA 2017), bem como a inserção da mesma no ciberespaço (LÉVY, 1999). Partimos, portanto, da tese de que os processos de desterritorialização e reterritorialização são potencializados pela inserção de novos instrumentos tecnológicos (LEMOS, 2007), criando além desses dois processos a territorialização das mais diversas instituições religiosas, a partir do ciberespaço.

Metodologicamente o presente artigo baseia-se em: uma bibliografia sobre algumas das dinâmicas pós-modernas em cursos na sociedade (LYOTARD, 2009; LIPOVETSKY e SERROY, 2011); o que se entende por ciberespaço (LÉVY, 1999); sobre dinâmicas territoriais (CLAVAL, 1999; HAESBAERT, 2004), e sua relação com o ciberespaço (LEMOS, 2007); sobre religião e sua atuação política na pós-modernidade e no ciberespaço (OLIVEIRA, 2017).

Parte-se ainda da utilização de uma etnografia virtual, realizada de agosto de 2018 a dezembro do mesmo ano, visto a importância que práticas sociais tomam nesse novo momento em que as redes online adquirem destaque, uma condição digital da cultura a ser analisada pelo método etnográfico. Observando e classificando os fenômenos através desse novo olhar, uma etnografia digital (ALVES; FERRAZ, 2017).

Qual então a relação entre território, religião e mídias sociais? o presente artigo busca estabelecer algumas notas sobre pontos desta relação. Para tal o texto divide-se em quatro partes. Na primeira abre-se o debate sobre a sociedade pós-modernas e seus processos em curso no contexto atual; a segunda versa sobre o que entendemos por ciberespaço; a terceira visa trazer a discussão sobre território e sua relação com o ciberespaço. Por fim, através de uma etnografia virtual de quatro meses, a quarta e última busca entender através da dimensão política da religião, e alguns exemplos, como a mesma cria suas des(re)territorializações a partir das novas tecnologias e o ciberespaço.

A individualidade exacerbada, processos em curso na pós-modernidade.

Hipermodernidade, modernidade líquida, capitalismo artístico, são diversos os conceitos que versam sobre as mudanças e processos atuais na sociedade, é importante localizar o debate para iniciarmos a discursão sobre essas mudanças, para tal podemos iniciar brevemente com algo que esclareça sobre a intensificação da modernidade, o que em muitos autores tratam como Pós-modernismo.

Primeiro destacamos seu antecessor o “modernismo”, o qual possui duas acepções. A primeira refere-se aos movimentos artísticos surgidos no final do sec. XIX; a segunda, é a concepção histórica e filosófica referindo-se aos termos “moderno” e “modernidade”, que nos remete a uma nova época, ao novo, uma passagem temporal. Interessante identificar que ambos os termos expressam uma ruptura com o antigo e o tradicional, buscando a valorização do novo (PETERS, 2000).

Assim como o modernismo, o pós-modernismo¹ possui ambos significados, um estético e outro histórico e filosófico. O que nos interessa é seu caráter histórico-filosófico de valorização do novo, de uma passagem de tempo entre o antigo e o novo. Diversas são as obras dedicadas a teorizar sobre o tema, entre as mais importantes encontra-se “A condição pós-moderna”, de Jean-François Lyotard (1998). O debate sobre o tema já era importante quando publicada a obra, e logo no início de seu texto podemos compreender o que o autor entende por pós-moderno, uma condição cultural presente nas sociedades desenvolvidas:

Este estudo tem por objeto a posição do saber nas sociedades mais desenvolvidas. Decidiu-se chamá-la de “pós-moderna”. A palavra é usada, no continente americano, por sociólogos e críticos. Designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX (LYOTARD, 1998 p. 13).

É importante situar também que essa discursão inicia-se em um período pós-industrial de intensas e significativas mudanças no mundo, Lyotard (1998 p. 15) se concentra em estudar o “saber”(conhecimento científico) e as mudanças ocorridas nesse novo momento, sua hipótese de trabalho “é a de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna.” Nossa intenção não é aprofundarmos nos estudos de Lyotard (1998) sobre

o saber, mas sim compreender a partir dele que as mudanças no mundo pós-moderno forçam uma mudança em diversos processos e práticas sociais.

Liotard (1998) combina em suas fontes análises de transformações na organização econômica e social das sociedades consideradas modernas, analisando também mudanças culturais, mostrando o caráter inovador de sua pesquisa por conseguir reunir em sua análise elementos que na época eram considerados de formas separadas, o econômico e o cultural (pós-industrial e pós-moderno). A partir desta pequena, mas lúcida construção entendo que pós-modernismo enquanto filosofia, periodização histórica, não é simplesmente o fim do modernismo, mas é seu avanço, um estado constante.

Para compreender as mudanças pós-modernas na sociedade consideramos dentre os conceitos de maior importância o de “hipermodernidade”, criado a partir do pensamento do filósofo francês Gilles Lipovetsky (2011), que versa sobre a acentuação de uma cultura excessiva, com valores exacerbados e baseado em um consumo de seus produtos. A intensificação gerada na pós-modernidade, o que explica a utilização do autor pelo prefixo “Hiper” acompanhado da palavra “modernidade” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011).

Coadunando com o contexto de uma sociedade hipermoderna podemos destacar o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2007; 2008), que em diversos de seus estudos destaca a intensificação do consumo na modernidade, um projeto de sociedade baseada no consumismo exacerbado e na fragilidade dos laços humanos, que acarreta uma intensa individualização.

A expansão do capitalismo e a globalização incitaram mudanças de comportamento que resultaram em uma sociedade de consumidores. Desde o início do capitalismo industrial até metade do século XX, a sociedade caracterizava-se como uma sociedade de produtores, focada no trabalho, acúmulo de capital e na produção, para então se transformar em uma sociedade de consumidores, não mais interessados em poupar e acumular, mas focados na busca pelo prazer instantâneo. A sociedade de consumo é o encontro de consumidores com objetos de consumo em uma rede de relações e interações humanas que ao mesmo tempo que gera diversas possibilidades de contato, segrega. Assim, para se integrarem a esta sociedade, os consumidores tornam-se objetos de consumo e se vendem como “mercadoria”. Ou seja, ao mesmo tempo em que as pessoas promovem a mercadoria se transformam em tal (BAUMAN, 2008).

O autor aborda a relação e dependência entre indivíduo e mercadoria relacionando com o que ele chama de “sociedade líquida”, ou seja, supérflua, e como já abordada desde o início da obra, favorecedora do processo consumista. No consumo a validade da mercadoria são condições para a permanência das empresas, assim, constantemente as empresas estão lançando novas modas e tendências para serem adquiridas pela sociedade, que posteriormente serão substituídas por novas modas e tendências (BAUMAN, 2008).

Esse comportamento é principalmente incentivado pelas redes virtuais, que propicia um espaço com maior alcance para a sociedade satisfazer o desejo pessoal de exibir as suas mercadorias e se exibir como mercadoria (BAUMAN, 2008). O amor próprio torna-se indispensável e os outros mais que nunca passam a ser objetos que podem ser descartados e superados. A vida urbana e a globalização potencializaram o individualismo, a busca por identidade própria mesmo que isso seja uma relação dialética, considerando que, quanto mais tenta-se ter uma identidade individual mais parecemos com os demais, presos a esse ciberespaço moderno.

Para complementar a argumentação podemos usar uma tríade conceitual para exemplificar esses processos de individualização na sociedade hipermoderna, individualidade, tribos e outsiders. Como já foi dito o mundo moderno caracteriza-se por uma individualidade exacerbada, processo que gera segundo Michel Mafessoli (1998) em seu livro “O Tempo das Tribos”, não apenas a questão da individualidade, mas o nascimento e construção de tribos dos grupos sociais. Grupos que possuem conexões de afetividade e interesse em comum, visto que a individualidade por si só não se completaria, porém, as tribos construídas a partir desse processo, não auxiliam na diminuição do individualismo, reforçando-o ainda mais. A formação das tribos de individualidade geraria então uma aversão ao diferente, ao estranho ao outro, o outsider.

Podemos dizer então que o processo de intensificação da individualidade, em conjunto com a criação de novas tecnologias, insere novas práticas espaciais, uma nova realidade, como destaca Oliveira (2017):

Atualmente, nas transformações que vamos verificando na sociedade do século XXI, e sua crescente individualidade a partir da constante busca do self, a marca impressa dessa individualidade nos centros urbanos é visível na medida em que os encontros pessoais, as trocas, os diálogos e vivências, começaram a ser trocados pelo uso dos smartphones, dos computadores, tablets, entre outras tecnologias da informação. Se observarmos os grandes transportes de massa nos grandes centros brasileiros como Rio de Janeiro e São

Paulo, os smartphones são o principal meio de contato entre as pessoas. Normalmente, uma viagem que antes tinha um contato social, agora tornou-se virtual, onde o Facebook, Twitter, Youtube, Instagram entre outros meios e redes de comunicação virtuais e jogos, tornaram-se quase que parte da vida cotidiana de uma pessoa (OLIVEIRA, 2017 p. 51).

Ciberespaço e des(re)territorializações

As práticas sociais e culturais estão cada vez mais baseadas no universo virtual, no ciberespaço, conceito do sociólogo francês Pierre Lévy (1999). Nas palavras do autor ciberespaço, que o mesmo também chama de rede, “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”, compreendendo tanto sua estrutura física quanto o universo virtual de informação contido nele. Outro termo importante na obra de Lévy a “cibercultura”, pode ser entendido enquanto “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

Pierre Lévy diz que o ciberespaço é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humano que navegam e alimentam esse universo” (1999, p.17). Com essa afirmativa ele não apenas entende o ciberespaço como meio de comunicação construtor de um universo paralelo, como também agrega ao conceito as estruturas de ligação do mundo material ao mundo imaterial, levando a uma maior compreensão da interligação entre ambos os espaços.

A tecnologia tem destaque nas diversas transformações na sociedade, se considerarmos a cidade como polo analítico podemos perceber que os encontros pessoais, as vivências, trocas e diálogos perdem cada vez mais espaço frente a individualização acelerada pelo uso de smartphone, computadores, diversos aplicativos e redes sociais. São as redes sociais que favorecem e desenvolveram essa relação ampliada a partir do ciberespaço:

as redes ganham novas conotações e uma hibridização de papéis, tanto para questões profissionais, quanto em sua maioria para atividades ligadas às trocas sociais de comunicação interpessoal e pelo prazer de trocar conteúdos, informações, imagens, músicas configurando um uso estético do virtual digital. As trocas e interações auxiliam

no passar o tempo e de projetar para o outro uma imagem do eu (OLIVEIRA, 2017 p. 54).

Salientamos então que o capitalismo funciona como máquina destrutiva dos valores, e na pós-modernidade potencializa-se enquanto sistema de acelerado que mina as possibilidades da qualidade de vida. Desse modo as diversas construções tecnológicas como os smartphones, os aplicativos – *Waze, Ifood, Uber, 99Taxis, Cabify, Airbnb*, as mídias e redes sociais – *Twitter, Facebook, YouTube, Snapchat, Tumblr, Foursquare, Pinterest, Instagram, LinkedIn*, os aplicativos de bate-papo – *WhatsApp, Line, KakaoTalk, Messenger, Wechat, Skype, Viber*, os videogames, o *fast-food, drive thru* entre diversos outros (OLIVEIRA, 2017.), “são algumas das ilustrações dessa cultura em que tudo deve andar cada vez mais depressa, em que cada vez mais momentos são vividos num regime de urgência (LIPOVETSKY e SERROY, 2015 p. 416 apud OLIVEIRA, 2017 p. 55).

Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos (...). E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua (DELEUZE E GUATTARI, 1996[1980] :40-41).

Segundo a apreensão de Lemos (2007, p 05) o ciberespaço é efetivamente desterritorializante, o que não acontece sem novas reterritorialização. Esses processos constituem a natureza humana, o homem desterritorializado e estranho à natureza reterritorializa-se por meios técnicos e simbólicos a fim de construir seu espaço (HEIDEGGER, 1958).

Para nós, o principal ponto para se entender o conceito de território é compreendê-lo enquanto polissêmico. Historicamente construiu-se diversas conceituações sobre o território, Paul Claval (1999) faz uma sistematização em seu artigo “o território na transição da pós-modernidade” que nos ajudam a entendê-las.

Primeiro as que focam o *controle e o poder exercido no/pelo o território*, algumas análises com suas particularidades encaixam-se aqui:

- i. Há a acepção que está ligada a uma geografia política concentrada em uma nação e estruturado por um Estado. Nascem ideias de limites naturais e físicos para os Estados e questões sobre o povoamento de uma nação.
- ii. A de Jean Gotman (1973), “para que uma entidade política possa ter a experiência do caráter absoluto do poder, é preciso que ela não tenha concorrente, e que exerça um monopólio total sobre o espaço dado; ela é então soberana. A ideia de território está assim ligada à de controle, e a justifica (CLAVAL, 1999).
- iii. Sem perder o sentido de território enquanto controle e poder, Robert Sack (1986) propôs uma interpretação sobre territorialidade que era aplicável a diversas escalas, do indivíduo ao Estado soberano, em que o território surge das estratégias de controle necessárias e comuns na vida social.

Outra maneira de se enxergar o território é enquanto **realidade social**:

- i. Inserida nesta análise está a ideia de território baseado na etnologia animal, Claval (1999) destaca as análises baseadas na etnologia animal de Konrad Lorenz (1973) Nicolas Tinbergen (1967).
- ii. A geografia radical também contribui para essa acepção do território de maneira diferente da baseada em aspectos do mundo animal, Claval (1999) argumenta que: O sucesso da geografia radical de inspiração marxista conduz, no início dos anos setenta, a uma estranha retórica sobre a criação do espaço; pela recusa em “naturalizar” os fatos sociais, fez-se da sociedade a realidade primeira. Ela não está mergulhada em um meio que, pelo menos em parte, a precedeu: ela o suscita e o molda. Tais posições são insustentáveis para os que se dizem materialistas. Os geógrafos marxistas que se querem coerentes, rapidamente descobrem que é preciso deixar de falar de criação de espaço. O território lhes permite salvar a cena (CLAVAL, 1999 p. 09).

Há ainda outra maneira de ler o território, ligando *o território a símbolos e representações*, Claval (1999 p. 10) identifica:

- i. Os trabalhos de inspiração fenomenológica e humanista baseando-se em Eric Dardel (1990) para dizer que nestes trabalhos com inspiração em sociedades primitivas a terra é *poder* pois ela é *origem, presença e força sobrenatural*. Dentro da percepção do território enquanto símbolo e representação há ainda os trabalhos que versam sobre os sentidos de lugar retomando-se “a tradição vidaliana de

- análise da personalidade das construções geográficas. Estão atentos à maneira pela qual os topônimos são escolhidos e às significações que lhes são atribuídas.”
- ii. A dimensão simbólica do território torna-se um dos temas essenciais da geografia, a partir das pesquisas sobre o espaço vivido nos anos de setenta e oitenta. Os pesquisadores observam à maneira pela qual os lugares são escolhidos e às significações que lhes são atribuídas.
 - iii. Claval (1999) também identifica a ideia de enraizamento, em uma geografia que se utiliza das metodologias dos etnólogos:

Não se trata mais de falar de pessoas das quais não se compreende a língua. Essas novas condições de pesquisa levam a resultados próximos àqueles que os etnólogos tinham obtido trinta anos antes, e que tinham contribuído substancialmente para a tomada de consciência de Eric Dardel - conhecimento este obtido através dos trabalhos do seu sogro, o pastor Laenhardt, e de Mircea Eliade, o grande historiador das religiões. Jean Pierre Raison (1977) fica fascinado, em Madagascar, com a incapacidade das culturas indígenas em se definirem sem referência ao espaço. Os grupos só existem pelos territórios com os quais se identificam. Joël Bonnemaïson (1986) descobre, em Vanuatu, uma realidade semelhante, e pacientemente desmonta o emaranhado de mitos que enraizavam os ancestrais vindos de piroga, muitos anos atrás, no espaço que ocupam hoje. Hongkey Yoon (1986) enfatiza que os conflitos entre a população de origem europeia e os Maoris da Nova Zelândia resultam mais frequentemente da relação diferente que os dois grupos mantêm com a terra: os primeiros (europeus) só veem aí um bem que se modifica, como qualquer outro, enquanto que os segundos (Maoris) só existem pelo e para o lugar sagrado (o marae), onde se reúnem e dançam (CLAVAL, 1999 p. 10).

- iv. Por fim falar de território é entender o homem construindo sua existência através das técnicas e de seus simbolismos. “(O território) contribui, em compensação, (...) para fortalecer o sentimento de pertencimento, ajuda na cristalização de representações coletivas, dos símbolos que se encarnam em lugares memoráveis (hauts lieux).” (BRUNET et al. 1992, p. 436 apud CLAVAL 1999 p. 11).

Esse rápido apanhado de conceituações sobre o território necessita ser vista de forma dinâmica onde podem ser analisados em suas sobreposições e não necessariamente isolados. A partir disso entendemos o território através da ideia de controle sobre fronteiras, podendo essas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas e posto em prática nas diversas escalas. Um conceito polissêmico, “imerso em relações de dominação elou de apropriação sociedade-espço, "desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2004 p. 95-96).

Como entender o território na cibercultura? É necessária a compreensão que a mesma é uma cultura desterritorializante, nas diversas dimensões de análise:

Por ser caracterizada com a era das redes telemáticas planetárias, a cibercultura é uma cultura da desterritorialização. Ela nos coloca em meio a diversos problemas de fronteira, agravando as crises de controle e de acesso, influenciando em todas as demais formas de desterritorializações contemporâneas. A desterritorialização informacional afeta a política, a economia, o sujeito, os vínculos identitários, o corpo, a arte. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito). Estão em marcha processos de desençaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura (LEMOS, 2007 p. 06).

Por entendermos então que não existe desterritorialização sem uma reteritorialização identificamos os dois processos marcando presença na cibercultura e no ciberespaço. E por se estabelecer enquanto a criação de tribos individualizantes e excludentes acaba por criar processos que reforçam/criam/extinguem as identidades nos diversos territórios religiosos, utilizando símbolos religiosos para tal.

Des(re)territorializações no ciberespaço: aproximações a partir de uma etnografia virtual

Símbolos e signos sempre fizeram parte da tentativa religiosa de difusão e afirmação enquanto prática cultural, uma espécie de comunicação religiosa que contribua na afirmação de uma identidade comum. A cruz, a bíblia, as vestimentas, o modo de falar, os gestos, todo tipo de prática e objeto que difunda a mensagem cristã ou que

simplesmente fortaleça os laços identitários na relação entre indivíduo e grupo religioso. (OLIVEIRA, 2017),

Cada vez mais diversos em suas significações, novos símbolos surgiram no decorrer do tempo, na tentativa de adequar-se cada vez mais a temporalidade na qual estavam inseridos e nos instrumentos do qual dispunham as diversas instituições religiosas criam novos símbolos e atualizam os antigos. Para o que entendemos enquanto era moderna não foi diferente, a tentativa religiosa de difusão segue os processos de modernização da sociedade na tentativa de também modernizar-se, apropriando-se de instrumentos diversos que a auxiliem na propagação de sua prática.

Se na virada para o século XXI pregava-se por uma parcela dos acadêmicos a falência das religiões frente a processos secularizantes, ao adentrarmos no decorrer do mesmo século. Vimos que o fenômeno religioso não só conseguiu manter-se como tem se tornado essencial para a compreensão das diversas relações sociais, potencializando-se na medida em que conseguiu adequar-se ao mundo moderno, Hervieu-Léger (1997) fortalece o que estamos argumentando:

Perda e/ou volta do religioso? O debate intelectual e midiático sobre a situação religiosa das sociedades modernas tidas por secularizadas concentra-se há vários anos nesta alternativa carregada de polêmicas e de paixões. Para alguns, este impulso religioso nada mais é do que um impulso regressivo, irracional, como acontece em períodos de perturbações e incertezas. Para outros, ali se afirma a irredutível dimensão religiosa da humanidade, para além dos triunfos provisórios da razão e do positivismo (HERVIEU-LÉGER, 1997 p. 32).

Nesse novo momento, na era hipermoderna ao invés de regredir a Igreja se fortalece em um movimento dialético entre manter suas tradições e adequar-se a modernidade. Portanto a religião cristã se adapta diante das práticas sociais. As diversas Igrejas considerando a nova realidade de comunicação e com a constante perda de fiéis entende que o domínio poderoso da comunicação religiosa deve ser de extrema importância na manutenção do poder. O *Ciberespaço*, e as mídias/redes sociais no mesmo são novas estratégias que possibilitam a Igreja ter ação de poder, domínio e controle dos fiéis.

Consideramos aqui também enquanto um lugar de conflito, tanto dentro da Religião cristã em si quanto em suas relações com o restante da sociedade, conflitos que demonstram a dimensão política da reação entre território e religião. Como estamos

expondo, inseridas dentro de uma mesma religião há certo nível de contrariedade, elas não são homogêneas, existem diversos conflitos internos. Gramsci (1976) ao considerar a Igreja católica identifica uma série de catolicismos diferentes, há um catolicismo dos camponeses, outro dos burgueses, outro do morador urbano, um catolicismo das mulheres, dos intelectuais, entre outros. (GRAMSCI, 1976).

A Igreja não é um bloco monolítico, Gramsci identifica três tendências dentro da Igreja: *Os integristas, os modernistas e os Jesuítas*. Buscando uma renovação para o debate vamos nos utilizar da ideia renomeando estas tendências e buscando avançar a partir das mesmas, trataremos então de conservadores, progressistas e o corpo central (GRAMSCI, 1976).

Os conservadores politicamente mais rígido e intransigente, não são a favor de mudanças ideológicas e políticas, são os que buscam um afastamento da sociedade vista por eles como não compatíveis com seus ideais.

Os progressistas, ligados a movimentos de renovação e liberais, são mais sensíveis a mudanças e a se relacionar fora do contexto religioso, estão grande parte relacionado ao pensamento intelectual, dentro desta corrente há ainda 2 tendências:

- a) Uma de aproximação para com as classes populares, favorável a democracia e a processos liberais.
- b) A de aproximação a ciência e o movimento filosófico, crítica ao dogma, opositora da classe conservadora, favorável ao saber intelectual.

Por último o *corpo central*, que embora favoráveis a uma ou outra tendência luta pela manutenção do corpo congregacional como um todo, põe-se então contra a exacerbação das duas outras tendências.

O ciberespaço torna-se cada vez mais arena de embate destas tendências, como nosso foco se dá em introduzir para a discussão praticas progressistas do cristianismo, através de processos de des(re)torialização utilizaremos alguns exemplos (tratam-se de exemplos com pessoas reais, mas para a conservação da identidade pessoal serão tratados como fictícios) em que o mesmo ganha destaque.

Seguramente, não tomamos nenhuma das análises aqui feitas como acabadas, de certo que há um longo caminho a se percorrer. Existe de fato uma “resistência” fruto do conflito entre conservadores e progressistas, ou a racionalização da religião? Ou ainda, ocorre uma “tradução” da filosofia religiosa que não nega a matriz, mas baseando-se nos

mesmos preceitos básicos diferenciam-se na forma de leitura ou utilização dos mesmos, metamorfoseando-se mais do que se contrapondo (BHABHA, 2006).

Para que se torne inteligível o que estou tentando demonstrar permito-me agora utilizar alguns exemplos vistos através de uma etnografia virtual. Primeiro, imagens que deem sentido ao que venho propondo, e por último, a descrição de um relato pessoal obtido através de um sujeito participante de determinada instituição religiosa.

Dos meses em que me detive à pesquisa de profundidade foi inevitável pensar sobre o tema político eleitoral, muitas outras perspectivas eram possíveis, nada, porém com a intensidade que o tema eleitoral detinha. Muito desse fato provém da data em que me concentrei a fazer essa observação, véspera e período eleitoral, além principalmente desta em específico carregar uma carga muito grande de interação dos candidatos e suas propostas com o tema religioso.

Um fator importante a se destacar foi a dificuldade adentrar em algumas “tribos” socialmente menos fechadas, e sair propriamente da intencionalidade fechada do próprio autor (o que não estava propriamente nos planos, visto que reconhecemos a impossibilidade da neutralidade em quaisquer pesquisa), admitisse aqui que o corpus de interesse em decorrência desses fatores foi para dinâmicas que podemos considerar progressistas, visto como mais interessante em um momento que o conservadorismo em todos os aspectos sociais inclusive na religião vem cada vez mais galgando destaque em diversos processos.

Por tudo isso foi difícil escolher apenas uma imagem, ou apenas um relato, mas visto a dimensão que um artigo precisa tenho total convicção que os exemplos escolhidos representam bem o que tenho proposto durante grande parte da construção deste texto.

Na imagem 1² disposta abaixo identificamos duas dinâmicas a importar, primeiro há uma lugarização (SOUZA, 2013)³ com suporte no ciberespaço, algo que se fez muito presente em outras situações. Em um sem número de situações as pessoas estavam realizadas por encontrar um grupo, uma página, um perfil nas mais diversas mídias sociais, que estivesse a par com suas ideias e que diferia do que a mesma estava vivenciando fora da rede. Outra informação pertinente que podemos destacar ainda nesse relato foi a des(re)territorialização causada por esses conflitos, o sujeito em questão migrou de uma instituição à outra, visto claro, a partir de interferências pelo/no ciberespaço.

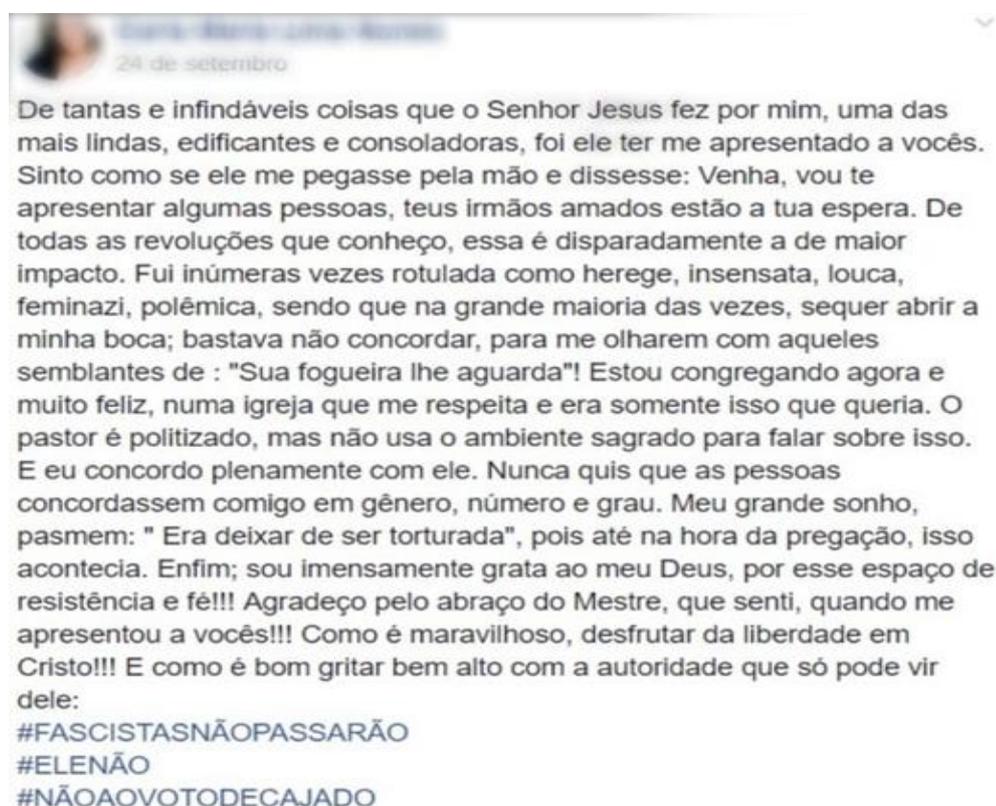


Figura 1- Des(re)territorialização no ciberespaço.

Fonte: Etnografia virtual, 2018.

Das diversas nuances possíveis da relação entre política e religião, a etnografia virtual trouxe a perspectiva da religião como destaque no processo político-eleitoral, os exemplos marcantes em um período recente. Não é um fenômeno novo a participação do campo religioso na política, mas certamente a visibilidade e influência junto aos governos tornaram esses atores relevantes para uma análise da política brasileira hoje. Com certeza o que está em evidência hoje parte do fato da grande influência que a religião e principalmente os cristãos evangélicos tiveram nas últimas eleições, as eleições para presidente foram as mais recentes, mas não é de hoje que vemos a inserção gradativa de movimentos religiosos na esfera pública e eleitoral.

Trago para apreciação outro exemplo que destaco influenciado por esses conflitos no qual podemos observar no registro oral feito pelo autor de um membro de uma instituição religiosa. Intercalarei na narrativa palavras do mesmo junto a minha, para melhor entendimento:

O Membro da Igreja Assembleia de Deus em Belém do Pará Teófilo Gomes⁴, foi “barrado” na participação de evento restrito aos membros da Igreja após seu nome lembrado por seus líderes eclesiais por “postar” sobre coisas (progressistas talvez?) que iam contra o dogma da instituição. Onde em suas redes sociais puderam ler suas “críticas a algumas práticas da Igreja”. Não gostaram, “censuraram” e não deixaram Gomes participar de algumas atividades da mesma. Os diversos dispositivos digitais nos colocam a novas formas de controle e vigilância, não apenas dos líderes da instituição religiosa, mas de qualquer membro conservador contrário politicamente a Gomes. Gomes foi desterritorializado a partir das possibilidades dadas por esses novos formatos midiáticos, tanto da liberdade dele expressar suas ideias, quanto o controle e punição por seus pensamentos. “Vítima de um castigo” ele cria uma reterritorialização no ciberespaço, uma página no Facebook, um espaço de liberdade na rede.

Considerações finais

Enquanto o mundo vivenciou na entrada do último milênio inúmeras transformações e foi apresentado a um número imenso de novos processos sociais, muitos cientistas chegaram a decretar erroneamente o fim das religiões. O mundo pós-moderno alterou sim a dinâmica da sociedade como um todo e as dinâmicas das religiões, mas os que falavam sobre o fim das religiões frente a racionalização da sociedade no mínimo surpreenderam-se com a capacidade delas em se adequar a essa nova era.

A hipermodernidade acelerou as relações, individualizando-as, em uma sociedade de consumo e de desprezo a convivência pessoas criou-se no ciberespaço um processo dialético, ao passo que há o agrupamento dos iguais e o estranhamento ao “outro” em um ciberespaço plural, mas de tribos individualizadas. O que contribui tanto para o aparecimento do conservadorismo nas religiões quanto alguns movimentos progressistas. Há o embate, portanto no ciberespaço, embate político-ideológico, que cria novos territórios enquanto os grupos e pessoas des(re)territorializam-se a todo momento.

Mostramos nesse artigo a relação entre religião, ciberespaços e processos de territorialização e desterritorializações para compreender melhor a dinâmica social e a atuação do cristianismo nesse novo momento. O território foi definido de forma abrangente, e em todos os exemplos citados, tentamos mostrar como as religiões com suporte das novas tecnologias estão criando processos de des(re)territorialização no

ciberespaço. Esse trabalho mostra também a proximidade entre espaço virtual e real, trazendo possibilidade de novas significações para o espaço das metrópoles contemporâneas e para o avanço desses estudos na ciência geográfica.

O texto cumpre seu caráter de uma pequena introdução sobre o tema, e enquanto nota de uma pesquisa mais densa em que o autor se concentra. A relação entre processos territoriais, ciberespaço e religião precisam de uma atenção em um sentido profundo, tanto no sentido teórico quanto tácito.

NOTAS

* Mestrando em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA). Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA); Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Pesquisa temas de seu interesse em áreas diversas nas ciências sociais, especialmente na qual é graduado, principalmente fenômenos políticos-territoriais envolvendo sociedade e religião. E-mail para contato: pauloafonso800@gmail.com.

¹ Muitos autores aproximam pós-modernismo (caráter filosófico) de pós-estruturalismo, o próprio Lyotard é considerado grande nome do pós-estruturalismo. Entre outros vê principalmente: Derrida, Deleuze, Foucault e Kristeva (WILLIAMS, 2013).

²A identidade foi preservada.

³Souza (2013) na prática identifica semelhanças nos processos para os conceitos de território e lugar (no texto empregou-se lugarização, procurando semelhanças com territorialização) vê mais especificamente as páginas 121 e 122 de seu livro.

⁴ Optou-se pela adoção de um nome fictício (Teófilo Gomes) após pedido do sujeito do relato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. P.; FERRAZ, C. P. *Da etnografia virtual à etnografia online: deslocamento dos estudos qualitativos em rede digital*. In: Anais do 41º encontro anual da ANPOCS. Caxambu, 2017.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *Vida para o consumo. A transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

BONNEMAISON, J. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Geografia Cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CLAVAL, P. O território na transição pós-modernidade. *GEOgraphia*, v. 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1996 (1980). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. (vol. 2)* Rio de Janeiro: Editora 34.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

HAESBAERT, R., *O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade.*, RJ, Bertrand Brasil, 2004.

HEIDEGGER, M., *Essais et Conférences*, Paris, Gallimard, 1958.

HERVIEU-LÉGER, D. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião. *Religião e sociedade*, v. 18, n. 1, p. 31-48, 1997.

HOOVER, S. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. *Comunicação & Sociedade*, v. 35, n. 2, p. 41-68, 2014.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: ED. 34, 1999.

LEMOS, A. *Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Livro da XV COMPÓS. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LESBAUPIN, I. Marxismo e religião. *Sociologia da religião: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes*, p. 13-35, 2003.

LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. *A cultura mundo, resposta a uma sociedade desorientada*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LYOTARD, J-F. **A condição pós-moderna**. J. Olympio, 1998.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Apresentação de Luiz Felipe Baêta Nevez; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Amo Vogel. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MIKLOS, J. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.

OLIVEIRA, J. R. de. O on e o off da fé na hipermodernidade: a religião e novas interfaces do sagrado na era 2.0. O exemplo no Vale do Paraíba (SP). *Tese (Doutorado em Geografia)* - UERJ, Rio de Janeiro, 2017.

PETERS, M. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Autêntica, 2000.

ROSENDAHL, Z. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L (orgs.), *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROSENDAHL, Z. “Território e Territorialidade: Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião”. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R. L. *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.191- 226. 2005.

SACK, R. D. *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

WILLIAMS, J. *Pós-estruturalismo*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RELIGION AND SOCIAL MEDIA: DES (RE) TERRITORIALIZATIONS IN THE CYBERSPACE

ABSTRACT: THIS ARTICLE DEALS WITH THE RELATIONSHIP BETWEEN RELIGION, CYBERSPACE AND TERRITORY, AN INTRODUCTORY DISCUSSION THAT DOES NOT END IN THIS TEXT. THE METHODOLOGY WAS BASED MAINLY ON THE BIBLIOGRAPHICAL REVIEW - THEORETICAL MATRICES ABOUT THE POLITICAL DIMENSION OF RELIGION, AS WELL AS ITS RELATIONSHIP WITH THE PROCESSES UNDERWAY IN POSTMODERNITY AND TERRITORY - AND PART OF A VIRTUAL ETHNOGRAPHY, AIMING TO RELATE THE THEORY WITH SOME EXAMPLES. FROM THE REALIZATION OF THIS WORK WE UNDERSTAND HOW THE RELIGIONS WITH SUPPORT OF THE NEW TECHNOLOGIES ARE INSERTING THEMSELVES IN THIS NEW SOCIAL CONTEXT AND ACTING THROUGH A POLITICAL-TERRITORIAL CHARACTER IN THE CYBERSPACE. THIS WORK ALSO SHOWS THE PROXIMITY BETWEEN VIRTUAL AND REAL SPACE, BRINGING THE POSSIBILITY OF NEW MEANINGS FOR CONTEMPORARY SPACE AND FOR THE ADVANCEMENT OF THESE STUDIES IN GEOGRAPHIC SCIENCE.

KEYWORDS: RELIGION, CYBERSPACE, HYPERMODERNITY, DES (RE) TERRITORIALIZATIONS.

RELIGION ET MÉDIAS SOCIAUX: DES (RE) TERRITORIALISATIONS À CYBERESPACE

RÉSUMÉ: CET ARTICLE TRAITÉ DE LA RELATION ENTRE RELIGION, CYBERESPACE ET TERRITOIRE, DISCUSSION INTRODUCTIVE QUI NE SE TERMINE PAS PAR CE TEXTE. LA MÉTHODOLOGIE REPOSAIT PRINCIPALEMENT SUR LA REVUE BIBLIOGRAPHIQUE - MATRICES THÉORIQUES SUR LA DIMENSION POLITIQUE DE LA RELIGION, AINSI QUE SUR SES RELATIONS AVEC LES PROCESSUS EN COURS DANS LA POSTMODERNITÉ ET LE TERRITOIRE - ET FAISAIT PARTIE D'UNE ETHNOGRAPHIE VIRTUELLE VISANT À RELIER LA THÉORIE À QUELQUES EXEMPLES. DÈS LA RÉALISATION DE CE TRAVAIL, NOUS COMPRENONS COMMENT LES RELIGIONS SOUTENUES PAR LES NOUVELLES TECHNOLOGIES S'INSÈRENT DANS CE NOUVEAU CONTEXTE SOCIAL ET AGISSENT SELON UN CARACTÈRE POLITIQUE-TERRITORIAL DANS LE CYBERESPACE. CE TRAVAIL MONTRE ÉGALEMENT LA PROXIMITÉ ENTRE ESPACE VIRTUEL ET ESPACE RÉEL, APPORTANT LA POSSIBILITÉ DE NOUVELLES SIGNIFICATIONS POUR L'ESPACE CONTEMPORAIN ET POUR L'AVANCEMENT DE CES ÉTUDES EN SCIENCES GÉOGRAPHIQUES.

MOTS-CLÉS: RELIGION, CYBERESPACE, HYPERMODERNITÉ, DES (RE) TERRITORIALISATIONS.